

PORTUGAL E A EUROPA NOS SÉCULOS XV E XVI. Olhares, relações, identidade(s)

Paulo Catarino Lopes, ed.



PORTUGAL E A EUROPA
NOS SÉCULOS XV E XVI.
OLHARES, RELAÇÕES, IDENTIDADE(S)

IEM – Instituto de Estudos Medievais

CHAM – Centro de Humanidades

Coleção ESTUDOS 21

PORTUGAL E A EUROPA
NOS SÉCULOS XV E XVI.
OLHARES, RELAÇÕES, IDENTIDADE(S)

PAULO CATARINO LOPES
Editor

O IEM – Instituto de Estudos Medievais e o CHAM – Centro de Humanidades, ambos Unidades de Investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), são financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., pelos projectos estratégicos UID/HIS/00749/2019 e UID/HIS/04666/2019, respectivamente.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0015.

Este livro teve arbitragem científica.

Título	Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI. Olhares, relações, identidade(s)
Editor	Paulo Catarino Lopes
Edição	IEM – Instituto de Estudos Medievais / CHAM – Centro de Humanidades
Referência da imagem da capa	Mestre de Soane Josefo, <i>A Embaixada Portuguesa</i> . Bruges, c. 1480-1483, Ms. Ludwig XIII 7, fol. 112. The J. Paul Getty Museum.
Colecção	Estudos 21
ISBN	978-989-99567-3-5 (IEM) 978-989-8492-42-5 (CHAM)
Paginação e execução	Ricardo Naito / IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco
Creative Commons	Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

Índice

- Introdução: Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI.
Duas centúrias de contactos, continuidades e também redefinição..... 9

Paulo Catarino Lopes

PARTE I

- Alteridades e Construções Identitárias***..... 15

- Imagens culturais do *Eu* e do *Outro*: Identidade e alteridade em relatos de viagens dos séculos XV e XVI, entre outros, do *Códice Valentim Fernandes* 17

Yvonne Hendrich

- Views of alterity: the construction of an idea of Europe by “non-Europeans” 39

Amélia Polónia

- Sangre y heráldica en el siglo XVI: las noblezas ibéricas y su identidad en una perspectiva europea. Unas notas 49

José Antonio Guillén Berrendero

- Modelações de escritas sobre um Portugal de partida para os espaços extra-europeus: Reflexões em torno de imagens do(s) europeu(s)..... 65

Ana Paula Menino Avelar

PARTE II

- Intercâmbios e Interculturalidade***..... 83

- Portugal and the Hanseatic League: ca. 1450-1550 85

Torsten dos Santos Arnold

- “Sem cobre e prata nada de especiarias”: notas sobre a importação de metais alemães em Portugal no início do século XVI..... 109

Jürgen Pohle

- Tópicos, histórias e vivências do Portugal mercantil e marítimo na Alemanha do século XVI..... 127

Marília dos Santos Lopes

PARTE III

- Olhares e Representações*** 151

- A imagem dos europeus nas crónicas portuguesas do século XV 153

Francisco José Díaz Marcilla

Os portugueses de Quinhentos vistos pelo flamengo Jan Taccoen de Zillebeke	175
<i>Jorge Fonseca</i>	
Olhares estrangeiros sobre Portugal (c. 1450-1571)	193
<i>Ana Isabel Buescu</i>	
“Fomos muito bem tratados.” Portugal e os portugueses nos escritos alemães dos séculos XV e XVI	211
<i>Marília dos Santos Lopes</i>	
Animais extra-europeus nas descrições de Lisboa e Portugal por estrangeiros	229
<i>Catarina Simões</i>	
Portugal e os portugueses no olhar de viajantes e mercadores alemães no alvorecer da Modernidade	243
<i>Jürgen Pohle</i>	
PARTE IV	
<i>Fronteiras e Europeização</i>	263
Amigos para a vida? Solidariedades dos estudantes portugueses na Península Itálica (finais do séc. XIV – inícios do séc. XV)	265
<i>Mário Farelo</i>	
Os inícios da política internacional de Portugal: a entrada no contexto europeu e o surgimento de tendências geoestratégicas	301
<i>Néstor Vigil Montes</i>	
Retórica e política na europeização de Portugal, nos séculos XV e XVI	313
<i>Nair de Nazaré Castro Soares</i>	
Portugal e a fronteira mediterrânica nos séculos XV e XVI: políticas reais e mapeamento do mundo insular levantino	339
<i>Dejanirah Couto</i>	
Peregrinar em Roma na transição do mundo medieval para a primeira modernidade. O caso do Fidalgo de Chaves	377
<i>Paulo Catarino Lopes</i>	

“Fomos muito bem tratados” Portugal e os Portugueses nos Escritos Alemães dos séculos XV e XVI

Marília dos Santos Lopes¹

Resumo

“Fomos muito bem tratados” é uma expressão usada pelo humanista alemão Hieronymus Münzer na sua estada em Portugal. Recebido pelo monarca português, D. João II, pelo preceptor e humanista Cataldo Sículo, ou por comunidades de mercadores, o viajante e intelectual alemão anota, com grande admiração e curiosidade, traços de uma relação entre Portugal e o Império Sacro Romano-Germânico que se irá manter duradoura, próxima e de afinidades. Tendo como ponto de partida este testemunho, intentou-se delinear o modo como os alemães perceberam e representaram Portugal e os portugueses nos séculos XV e XVI: em crónicas, cosmografias e gravuras, os letrados e artistas do Império procuraram descrever e caracterizar o país que “deu novos mundos ao mundo”.

Palavras-chave

Portugal, Alemanha, Humanismo, Descobrimientos, Representações e percepções.

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) – Universidade Católica Portuguesa.

Abstract

“We were very well treated” is an expression used by the German humanist Hieronymus Münzer during his stay in Portugal. Received by the Portuguese monarch, João II, by the preceptor and humanist Cataldo Sículo, or by communities of merchants, the German traveler and intellectual notes, with great admiration and curiosity, traces of a relationship between Portugal and the Roman-German Holy Roman Empire which will remain enduring, close and with affinities. Starting from this testimony, we attempted to outline the way the Germans perceived and represented Portugal and the Portuguese in the 15th and 16th centuries: in chronicles, cosmographies and engravings, the literate and artists of the Empire sought to describe and characterize the country that “gave new worlds to the world”.

Keywords

Portugal, Germany, Humanism, Discoveries, Representations and perceptions.

“Fomos muito bem tratados” é uma das expressões que o viajante e humanista Hieronymus Münzer utiliza para qualificar a sua estadia em Lisboa e que, como se irá demonstrar, não estará muito longe do modo como o viajante apreendeu e retratou a sua visita a Portugal. Assim, quando se referencia ao seu alojamento na capital portuguesa, Münzer regista que está hospedado numa casa do rei português, D. João II, casa onde habitava o flamengo Job Hurder, que apresenta como “sogro do Sr. Martinho da Boémia e capitão das ilhas do Faial e do Pico”². Neste seu convívio, Münzer refere ainda a esposa de Hurder, uma senhora nobre, sensata e prendada, que lhe teria oferecido “bolsas de almíscar de gazela”, rodeando-os assim “das maiores atenções” – sabemos que se trata de D. Beatriz de Macedo, uma dama da corte portuguesa que casara com Jos van Hurtere, ou Josse van Huertere, criado da corte da Infanta D. Isabel de Borgonha e primeiro donatário das ilhas do Faial e Pico – conhecido também como Jorge de Utra ou Dutra. Apesar da longa distância percorrida da sua terra natal, o relato ressalva a ideia de familiaridade e, sobretudo, de hospitalidade em que se denota um ambiente de novidades e raridades próprias de outros mundos.

² Jerónimo MÜNZER, *Itinerário*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 28.

A capital portuguesa é, pois, já nos finais do século XV, um importante entreposto comercial, onde, como se pode testemunhar, se estabeleceram intensas e activas redes de negócio, mas também de saber e conhecimento da Europa Moderna. Este extracto do *Itinerário* de Münzer demonstra-o clara e precisamente ao evocar Job Hurder, de Bruges, e Behaim de Nuremberga, dois fulcrais representantes das comunidades estrangeiras em Lisboa, inseridos nas redes de contactos nacionais e europeias. Job Hurder, entretanto, capitão donatário de novas ilhas descobertas no Atlântico e casado em Portugal, é o testemunho vivo de novas constelações sociais e culturais e da frequente presença de estrangeiros ao serviço do império³. Agentes comerciais, mercadores, letrados estes homens representavam um forte potencial, na recente e em expansão, estrutura administrativa portuguesa. Símbolos das redes de contactos existentes, estes homens eram já importantes actores das empresas e lides marítimas, cartografando o Atlântico nas novas rotas europeias. Não é, pois, de estranhar o contacto e a relação com o recente conviva, pois também ele chega à capital portuguesa à espera de novas revelações e notícias, reservando assim um lugar na construção e na história do saber transnacional⁴.

Dada a sua localização e posição no processo geográfico de alargamento e abertura *do mundo*, Lisboa, entre outras cidades portuguesas, revela-se um crucial entreposto, na produção e divulgação e propagação de informações sobre o mundo, as suas gentes, a sua natureza e seus mares, num infindo banco de dados a nível planetário. Informações que invariavelmente tomam corpo, na cartografia portuguesa, como o provam, por exemplo, os célebres mapas da família Reinel, onde já, na segunda metade do século XV, se projecta e delinea uma actualizada configuração da costa norte e ocidental do continente africano, dando conta dos avanços obtidos no período henriquino em que as embarcações portuguesas chegaram à Serra Leoa, como o confirma a legenda do mapa de Pedro Reinel (ca. 1485), e que interessariam sobremaneira a homens como Martin Behaim, também ele autor de um dos primeiros globos – aonde se refere, numa das legendas, o povoamento e a colonização realizados pelo sogro – ou a Hieronymus Münzer, autor de trabalhos de natureza geográfica⁵. Assim, também ele fará parte dos repórteres e agentes que vão coleccionar e relatar em textos e colectâneas de novidades, informes anotados na sua viagem, dada a premente e urgência do conhecimento.

³ Marília dos Santos LOPES, “Ao serviço do Império: a nobilitação de estrangeiros na corte joanina e manuelina”, in *Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*, Lisboa, IICT, 2012a, pp. 1-8.

⁴ “[...]. The importance of Lisbon in the history of knowledge, especially in the fifteenth and sixteenth centuries, derived from its position as the capital of the Portuguese seaborne empire”, Peter BURKE, *Social History of Knowledge*, Cambridge, Polity Press, 1997, p. 77.

⁵ Sem esquecer a sua importante participação na crónica-mundo de Hartmann SCHEDEL, *Liber Chronicarum*, Nürnberg, Koberger, 1493.

É, pois, bem positiva a imagem que o viajante e humanista também ele, como Martin Behaim, de Nuremberga, uma das mais importantes cidades do Sacro Império Romano-Germânico, lega de Lisboa no seu relato à Península Ibérica que chega a comparar à sua terra natal, uma técnica bem comum da literatura de viagens. Assim, ao referir-se à abundância dos mercados lisboetas em que se denota grande abundância de todos os produtos, seja peixe, seja fruta, o viajante escreve: “Quanto a maçãs, é impossível haver em maior quantidade: vi mais do que as que se costumam vender no outono e no princípio do inverno em Nuremberg”⁶ num tom de admiração e espanto dada a riqueza e abundância observada.

Ao lado de produtos locais, é igualmente visível a evidência e a presença de outras mercadorias vindas de outros países como um importante factor de avaliação da realidade observada, como o confirma uma visita à Casa da Mina, aonde foi por ordem do rei, e “[...] que é uma casa grande no pôrto de mar na qual estão em enorme abundância mercadorias do Rei, que êle manda para a Eiópiã. Vimos muitos panos matizados de várias côres, que êle manda vir de Tunis, e também tapetes, tela, caldeiras de cobre, bacias de metal, contas de vidro, côr de limão e muitas outras coisas. Noutra casa vimos aquilo que é trazido da Etiópiã: grãos do paraíso, muitos ramos e cachos de pimenta, de que nos deram bastantes, e também dentes de elefante. Quanto ao ouro, foi todo amoedado então: vem ja fundido e preparado...”⁷

Aliada a esta representação de um país abastado e em decisiva expansão, encontramos a imagem de uma corte em acção nas mãos de homens de cultura, mormente o rei, ou de servidores como o italiano Cataldo Sículo, humanista e perceptor, num retrato de homens protótipos de verdadeiros cavaleiros não só das armas mas, sobretudo, das letras, bem ao modo da viragem para o humanismo, como bem sublinhou Jacques Le Goff no seu livro *Intelectuais da Idade Média*⁸.

Cataldo Sículo, o introdutor do humanismo em Portugal como o defendeu António Costa Ramalho, foi quem estabeleceu o contacto, sendo assim o intermediário junto da corte portuguesa. Hieronymus Münzer chega por isso a ser recebido pelo soberano, D. João II, que considera: “um homem instruíssimo e em tudo muito sagaz”⁹. Traça o retrato de um rei inteligente e curioso, pois como diz: “É muito afável e amigo de indagar muitas cousas. Àqueles que o procuram e se gabam de emprêsas guerreiras, de navegação ou quaisquer outras, ouve-os atentamente, manda apresentar as provas ou demonstrações, e se os acha

⁶ MÚNZER (1931), 25.

⁷ *Idem, ibidem*, 25-26.

⁸ Jacques LE GOFF, *Intelectuais da Idade Média*, Lisboa, Gradiva, 1987.

⁹ MÚNZER (1931), 13.

verídicos e valentes, não os deixa sem recompensa.”¹⁰ O soberano, cosmopolita, conhecedor e mecenas, como se espera de um cortesão perfeito, chega a armar cavaleiro um dos seus acompanhantes, Antonio Herwart de Augsburg, num gesto de reconhecimento, como aliás não seria a única vez¹¹. E depois de o sentar quatro vezes à sua mesa, o monarca, na despedida, abraçou-o¹².

No meio de uma relação económica, depuramos o delinear de traços de um intercâmbio intelectual, e também, diplomático, de reais vertentes familiares, quase até pessoais, ou pelo menos de grande familiaridade, como quando descreve o modo próximo como o soberano se despede dos visitantes. Este debuxo levamos a supor que estamos perante o retrato de uma relação próxima com alicerces fortes, possivelmente duradouros, e repleta de afinidades – traços de uma relação que, como se poderá ver, irão definir e caracterizar os futuros intercâmbios com o Sacro Império.

Na verdade, esta vivenciada e profunda curiosidade por este país junto ao Atlântico, e obviamente, os dados e informes recolhidos durante a visita, não serão apenas fruto e expoente de um relato pessoal e individual, visto que, em terras do Império, eles passarão a fazer parte de um novo inventário e patamar de saber.

Ao longo do seu *Itinerário* recolhem-se informações sobre as viagens marítimas e de como Lisboa se enche de mercadorias, de objectos desconhecidos e de gentes de outras nações, novas que se irão reproduzir em publicações, como as do humanista Hartmann Schedel, mormente numa das mais importantes *cronicae mundi* dos finais do século XV. Editada em Nuremberga e, num capítulo dedicado a Portugal, dar-se-á conta das viagens do infante D. Pedro, das empresas do Infante D. Henrique, e ainda das viagens de Diogo Cão, ou ainda do açúcar da Madeira, demonstrando como as informações recolhidas em Portugal se espelham, desde já, na futura suma enciclopédica de um dos mais influentes *literati* que, recorrendo à colectânea do amigo e viajante Münzer, pôde trazer a lume, em Nuremberga, novos informes e dados sobre o mundo. Possuindo uma das mais importantes bibliotecas coevas,¹³ Schedel constitui um dos exemplos mais representativos no sul de Alemanha de *l' uomo universal*.

Tanto Hironymus Münzer como Hartmann Schedel gozaram de uma formação humanística, e curiosamente ambos são formados em medicina. Estudaram vários anos em universidades italianas, tendo assim a possibilidade de respirar os

¹⁰ *Idem, ibidem*, 13-14.

¹¹ LOPES (2012a).

¹² MÜNZER (1931), 14.

¹³ Veja-se sobre este tema o mais recente trabalho de Bettina WAGNER, *Welten des Wissens die Bibliothek und die Weltchronik des Nürnberger Arztes Hartmann Schedel (1440-1514)*, München, Allitera-Verlag, 2014.

ventos da corrente humanista em Itália. Entusiasmado por este movimento cultural, Schedel inicia a aquisição de livros para a sua grande biblioteca e ao regressar a Nuremberga irá manter sempre ao lado da sua profissão, o exercício de compilar e escrever sobre a ordem do mundo. Schedel irá exercer as funções de autor, editor e mecenas, a fim de empreender o seu maior projecto: a edição de uma *cronica mundi*. As notícias de Hieronymus Münzer sobre Portugal e as novidades que neste país se poderiam alcançar e saber são naturalmente de grande valor para a sua obra. O retrato traçado em terras de além-Pireneus é o de um país em vias de expansão, transformações que se intentam conhecer e compreender; é o Portugal das viagens marítimas. Assim, tal como Münzer, também outros letrados alemães, e maioritariamente aqueles que não tendo tido a privilegiada oportunidade de ver as novas com os seus próprios olhos, irão, agora, graças às obras editadas, poder apreciar os efeitos das viagens e actividades em execução sob o domínio da corte portuguesa.

A curiosidade e o interesse votados por Münzer a Portugal e aos portugueses não é, por isso, um caso isolado. Pouco anos depois, em Augsburg, outra cidade em franco desenvolvimento do sul do Império, poderemos destacar o conselheiro imperial, agente político e jurista, Konrad Peutinger, também um coleccionador e apaixonado da geografia, que se igualmente interessará em consolidar as relações já iniciadas em terras portuguesas. No seguimento de Hartmann Schedel, Peutinger intenta organizar uma recolha geográfica sobre o orbe terrestre, revelando-se as recentes notícias de incondicional e incontestável valor para o seu trabalho¹⁴. Daí que, no ano de 1506, o curioso letrado faça referência às caravelas portuguesas no Atlântico e à chegada a Calecute em obras da sua pena, como seja os *Sermones convivales* (1506). Poder-se-á ainda testemunhar várias iniciativas junto do Imperador Maximiliano I para promover a participação dos comerciantes alemães na empresa marítima e comercial em terras orientais¹⁵. Casado com Margaret Welser, uma das casas comerciais alemãs mais influentes, Konrad Peutinger percebia a oportunidade que a abertura da Rota do Cabo poderia significar. É o que testemunham as cartas e relatos que se encontram entre os seus documentos, mormente os textos relativos à primeira viagem de Vasco da

¹⁴ Dieter WUTTKE, *German humanist perspectives on the history of discovery, 1493-1534*, Marília dos Santos Lopes (Foreword), Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007; Marília dos Santos LOPES, “‘Vimos oje cousas maravilhosas.’ Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses”, in A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*, Lisboa, Colibri, 1996, pp. 13-23.

¹⁵ Klaus A. VOGEL, “Neue Horizonte der Kosmographie. Die kosmographischen Bücherlisten Hartmann Schedels (um 1498) und Konrad Peutingers (1523)”, in *Anzeiger des Germanischen Nationalmuseums*, 1991, pp. 77-85.

Gama (1497), à expedição de Pedro Álvares Cabral (1501), à viagem de Américo Vespúcio (1501), à segunda viagem de Vasco de Gama para a Índia e ainda sobre a frota de D. Francisco de Almeida. Que a sua curiosidade por estes escritos não ficaria por uma mera leitura prova-o o facto de o humanista e político ter vertido para o alemão o relato da segunda viagem de Vasco da Gama¹⁶.

Como teve o erudito Peutinger acesso a estes relatos e a estas informações? A rede de contactos era já diversa, podendo assim o conselheiro imperial recorrer a diversos canais comunicacionais, mas entre os seus contactos com as terras lusitanas, iremos encontrar o exímio colecionador e inestimável mediador entre Portugal e a Europa Central, que foi o moravo residente em Lisboa, Valentim Fernandes. Editor, tradutor, autor, homem de negócios e um dos mais importantes impressores da sua época,¹⁷ Valentim Fernandes teve um papel decisivo para tornar visível e conhecida a *abertura de um novo outro mundo*. Através de obras como o *Livro de Marco Polo*, vindo a lume em 1502, de cartas e missivas ou do famoso chamado *Manuscrito de Valentim Fernandes*, a colecção de escritos sobre as viagens marítimas portuguesas que se irá encontrar precisamente na posse do *Stadtdiener* e humanista Konrad Peutinger, Valentim Fernandes tornou-se um dos primeiros divulgadores das novidades coevas¹⁸.

Com o nome de Valentim Fernandes cruza-se ainda neste circuito de contactos, um outro: o de Albrecht Dürer. Será, através de uma missiva epistolar vinda de Lisboa, que este pintor se irá tornar o primeiro artista a desenhar um rinoceronte. Mais uma vez foi o impressor de Lisboa que ofereceu a oportunidade não só a comerciantes, letrados, mas também a artistas além-Pirenéus, de “verem” a configuração da terra recém-descoberta.

A curiosidade e o interesse do Sacro Império Romano-Germânico pelas notícias de Portugal¹⁹ está bem patente na lista de publicações vindas a lume na recente, mas desde já em apogeu, arte tipográfica. Desde breves textos, como as

¹⁶ Marília dos Santos LOPES, “O impacto da viagem de Vasco da Gama na Alemanha”, in José Manuel Garcia (coord.), *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, Lisboa, Academia da Marinha, 1999, pp. 604-608.

¹⁷ Vejam-se os estudos de Artur ANSELMO, *Les Origines de L’Imprimerie au Portugal*, Paris, FCG, 1983; Idem, *L’Activité Typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*, Paris, FCG, 1984; Idem, *História da Edição em Portugal*, III vols., Lisboa, Lello & Irmão, 1991; A. H. Oliveira MARQUES, “Alemães e Impressores Alemães no Portugal de Finais do Século XV”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal*, Lisboa, BNL, 1995, pp. 11-14; João Alves DIAS, “Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal*, Lisboa, BNL, 1995, 15-27.

¹⁸ Trata-se de uma das primeiras antologias da novidade. Veja-se Carmen RADULET, *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália*, Lisboa, Vega, 1991, pp. 17-35.

¹⁹ Marília dos Santos LOPES, “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism”, in Maria Barbara and Karl A.E. Emenkel (ed.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, Leiden, Brill, 2012b, pp. 425-446.

epístolas de D. Manuel (**fig. 1**), relatos de nautas, como de Vespucci ou diplomatas, como Jorge Alpedrinha, editados em diferentes edições²⁰, e em diversas cidades do Império, rapidamente se dão à luz obras de maior folego relacionados com as viagens marítimas como, por exemplo, a coleção de viagens de Fracazano Montalboddo, onde se poderia informar de uma forma global sobre as viagens ibéricas, bem como obras de teor cosmográfico. Em muitas destas edições, os frontispícios são decorados com as armas de Portugal ou por vezes, até deixam aparecer um soberano armado cavaleiro em cujos escudos se reconhecem as quinas portuguesas, atribuindo-lhe clara e precisamente a autoria destes feitos em mares e oceanos desconhecidos. É a representação do Portugal das viagens, reconhecido como “os olhos e os ouvidos da Europa”²¹, portador de um importante contributo para uma visibilidade do mundo, digno de se patentear nas publicações coevas.



Fig. 1 – *Epistola do Rei D. Manuel I ao Papa*, Nuremberga 1508.

No ano de 1508, editar-se-ia, em Nuremberga uma obra intitulada: *Newe unbekante landte und ein newe weldte in kurzer zeythe erfunden*. Trata-se da versão alemã da colectânea do humanista italiano Fracazano Montalboddo *Paesi novamente ritrovati...* vinda a lume um ano antes em Vicenza (1507)²².

²⁰ Luís MATOS, *Itinerarium Portugallensium*, Lisboa, FCG, 1992.

²¹ Luís Filipe BARRETO, “A Herança dos Descobrimentos”, *Revista ICALP*, Lisboa, 1987, pp. 9-21.

²² Marília dos Santos LOPES, *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002, p. 74.

Jobst Ruchamer, o médico de Nuremberga que a verteu para a língua alemã, justifica o seu labor devido ao espanto sentido face às notícias estonteantes e insólitas de terras longínquas, onde habitavam povos com usos e costumes tão diferentes dos conhecidos. As novas causar-lhe-iam tal admiração que se sentira impelido a familiarizar o seu país com estas viagens ou navegações “...feitas pela recomendação e ordem das Altezas Reais de Portugal e da Espanha segundo o conteúdo deste livrinho”, um verdadeiro *miraculum* para toda a cristandade²³.

As traduções, e respectiva leitura, destes escritos relacionados com as viagens ibéricas revelam-se, dado o seu teor factual e informativo, “muito práticas e proveitosas”²⁴. Muitas outras obras de autoria portuguesa serão traduzidas, com justificações semelhantes como é o caso da obra de Fernão Lopes Castanheda, cujo tradutor para a língua alemã se refere expressamente ao impacto mundial das viagens. Diz no seu prólogo:

“[...] eles [os reis de Castela e Portugal] descobriram uma grande parte do outro mundo que denominamos Antípodas e ainda abriram as navegações e caminhos marítimos, que até então eram considerados impossíveis. Eles viram nessas terras novas que descobriram várias espécies de gentes até então nunca vistas, costumes estranhos, plantas e animais maravilhosos; os soldados por eles enviados tiveram inesperadamente muita sorte e muita desgraça, muitos deles esforçaram-se por descrever e publicar estas viagens e também por traduzir noutras línguas aquilo que os Espanhóis e Portugueses descreveram nas suas línguas, pois estas diferentes viagens não são poucas e são necessárias de ler para aqueles que apreciam histórias maravilhosas.”²⁵

Tal como os seus autores, também os tradutores são fundamentais agentes mediadores, como construtores e inventores do saber que se vai visualizando e conceptualizando num longo e intrincado processo de mapear e redefinir o mundo. Este é o grande valor e mérito destas informações, capazes de informar sobre novos mundos, esta, sem dúvida, uma das razões principais para a edição de obras

²³ “Para que muita gente possa conhecer e descobrir os grandes milagres maravilhosos de Deus Omnipotente, que criou e ornou o mundo com diversas espécies humanas, terras, ilhas e criaturas estranhas (como foi acima referido), que eram totalmente desconhecidas para a cristandade e para a nossa nação. É também quase milagroso que os cristãos tenham feito estas viagens ou navegações longínquas, perigosas, desconhecidas e maravilhosas. Estas, segundo a ordem deste livrinho que será denominado o NOVO MUNDO, serão esplendidamente apresentadas em seguida”. Citado em Marília dos Santos LOPES, “Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Mare Liberum* 1, 1990, pp. 270-271.

²⁴ Como se pode ler no prólogo da versão alemã da obra *Verdadeira Informação da Terra do Preste João* do franciscano Francisco ÁLVARES, Eisleben, 1566.

²⁵ LOPES (1990), 272.

portuguesas além-fronteiras²⁶. Os exemplos referenciados não deixam, assim, dúvidas sobre o papel comunicacional e cultural da actividade tipográfica, um papel de mediação que, como salienta Roger Chartier, vai além da conceptualização do texto escrito²⁷. As páginas da literatura portuguesa de viagens tornavam visível e reconhecível o mundo saído das suas penas e resultantes da experiência *in loco* dos viajantes-autores. Tradutores e editores, reconhecidos, enaltecem o louvor do registo e inventário elaborado por curiosos e, principalmente, *ad vivum* que, por isso, pode e deve ser editado por toda a Europa²⁸.

Estas dinâmicas culturais que levam uns a descrever, outros a mapear e, ao mesmo tempo, a criar categorias para ordenar, classificar seja em palavras, esquemas, esboços ou obras de arte são todas elas expressões de uma imensa vontade mental de aprender e de reflectir sobre a nova ordem do saber, uma característica da Europa moderna. Em diferentes localidades da Europa vamos encontrar artistas, autores, tradutores, editores, impressores, escritores reunidos muitas vezes em torno de *ateliers* de tipografia interligados numa frequente e activa rede, podendo-se identificar sítios e/ou grupos emergentes na produção e gestão do conhecimento²⁹.

E o conhecimento destas obras, e das empresas que relatam, rapidamente se espelham em trabalhos cartográficos, como o demonstra a *Carta Marina Navigatoria Portugallen* (1516), da autoria de Martin Waldseemüller, onde, não por acaso, se reconhece, junto ao Cabo de Boa Esperança, o *Cristianissimi Emanuelis regis Portugallie victoria* numa homenagem aos empreendimentos levados a cabo pela coroa portuguesa, e como, aliás, o seu título indicia.

Mas também nas artes, se vão delineando testemunhos e esboços das novas cartografias, traçando obras em que se reconhecem traços notórios de recentes informações e novidades sobre a visibilidade do mundo, como é o caso do bem conhecido e famoso Albrecht Dürer. Também ele não precisou de vir à Península Ibérica, e a Portugal em particular, para ter contacto com as informações e as realidades dos novos mundos. Com efeito, na capital mercantil e financeira da Europa, mais propriamente, na feitoria portuguesa de Antuérpia, um lugar cosmopolita da emergente Europa atlântica, Dürer teve a possibilidade de poder ver e saber das navegações além-mundo conhecido. Oriundo de Nuremberga, Dürer viria a empreender uma viagem até aos Países Baixos, podendo contar com

²⁶ Tal como ainda testemunha a publicação alemã da obra de Duarte Lopes e Filippo Pigafetta sobre o Congo em 1597.

²⁷ Roger CHARTIER, *The author's hand and the printer's mind: Transformations of the written word in Early Modern Europe*, Cambridge, Polity Press, 2014.

²⁸ LOPES (2002).

²⁹ BURKE (1997); CHARTIER (2014).

cartas de recomendação da casa comercial Fugger, umas das famílias alemãs mais influentes não só no contexto nacional, mas também internacional. Aliás, esta fora umas das primeiras a procurar participar e colaborar na Carreira da Índia, como acontecera com a armada de D. Francisco de Almeida, no ano de 1505. Vários dos trabalhos de Dürer, e não precisamos de pensar apenas no célebre esquisso do rinoceronte já mencionado, e que irá definir o perfil deste quadrupede até ao século XVIII, irão deixar transparecer este conhecimento e interesse, como seja o traço de um homem cujos trajes se assemelhem a um índio brasileiro, mas que o artista denomina de Calicute, a presença de papagaios no seu Adão e Eva (1504), ou ainda menos conhecido o facto de o seu emblema/brasão recorrer à silhueta de um jovem com um perfil negroide – embora saibamos que não terá apenas a ver com o impacto das viagens, o certo é que o gosto e uso destes motivos seriam reforçados devido à realização das mesmas.

No diário que redige acerca da viagem, o artista evoca muitas vezes com grande satisfação a suas visitas à feitoria, onde poderia observar mercadorias e objectos tão extraordinários, de modo que os denomina de “Coisas de calicute” – vindos de territórios recentemente reconhecidos que se localizam algures além da Europa³⁰. Entre muitos produtos e objectos, o pintor refere assiduamente a oferta feita pelo feitor de algumas quantidade de açúcar – tanto a ele como à esposa – a que ele retribuiria com quadros. Por este apontamento, poder-se-á afirmar que dificilmente se saberá avaliar correcta e exactamente a importância e o valor que estes produtos exóticos e distantes representavam na economia e no imaginário colectivo.

Assim, mais uma vez seria através do contacto e relacionamento com os portugueses que se teria acesso “os novos mundo do Mundo”, tendo o célebre pintor feito ecos do mesmo sentimento de acolhimento e “bem tratado” como Münzer. Mas não nos deixou nenhum retrato dos seus convivas. Na verdade, são raras as imagens iconográficas de portugueses, podendo apenas referenciar-se a obra de Christoph Weiditz que desenharia um casal de portugueses, aquando da sua viagem à Península Ibérica, no ano de 1529 (**fig. 2**)³¹.

³⁰ Marília dos Santos LOPES, “Translation and Imagination: The ‘Calicut People’ within the Context of 16th Century Cosmographies”, in *Writing New Worlds: The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*, Newcastle upon Tyne, UK, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 166-177.

³¹ Marília dos Santos LOPES, “Portugueses do século XVI no Trachtenbuch de Christoph Weiditz”, *Oceanos* 26, 1996, pp. 104-107.



Fig. 2 – Christoph Weiditz: *Trachtenbuch*, cerca 1530.

Nestes finais do século XV, inícios do século XVI é na reformulação de uma nova imagem geográfica que iremos encontrar mais referências às iniciativas levadas a cabo pela coroa portuguesa. Assim, e na tradição de Martin Waldesemuller, muitos outros geógrafos lançam mãos a registar e a inventariar os novos horizontes. A sua *Carta Marina Navigatoria Portugallen*, marco da cartografia coeva, será alvo de várias reedições. Numa destas reedições datada entre 1525 e 1530, a *Auslegung der Mercathen*, da autoria de Laurentius Frisius, que virá a ter grande popularidade na Europa, logo á entrada um mapa intitulado *Tabvla prima navigationis Aloisii Cadamvsti*, deixa representar a ilha da Madeira e a costa ocidental africana num claro domínio e conquista desta ferramenta reorganizadora de novos espaços do mundo renascentista.

Nesta obra, entendida como guia e manual de instruções, apresentar-se-á, por ordem alfabética, mais de 200 localidades num breve apontamento sobre terras e gentes, como acontece o que se formula para a ilha da Madeira.

Mas se neste registo geográfico, Frisius já denomina este novo mundo segundo os seus navegadores, *Tabvla prima navigationis Aloisii Cadamvsti*, evocando as viagens do mareante italiano ao serviço do Infante D. Henrique, outros geógrafos, ao referirem-se a estes informes e dados, irão falar de outro mundo – como aliás Cadamosto faz no seu relato –, e irão abordá-los como se de um “mundo extra-tolomeu” se tratasse, como o formula Johan Schöner.³² Assim, surgem em anexos

³² Johannes SCHONER, *Opusculum Geographicvm*, Nürnberg, 1533.

sobre “De regionibus extra Ptolomaeum”, pois, nas suas palavras: “Extremum Ptolomeo cognitum Prassum promontorium, verum nostra aetate tota haec portio à Portugalsibus inventa est”.³³ Anteriormente desconhecidas, seriam, graças aos portugueses, tornadas visíveis.

Este mundo “inventado” pelos portugueses colocaria, por conseguinte, um problema sobre o modo como inserir e enquadrar os dados das viagens marítimas no seu contexto histórico, visto que as observações e as experiências dos nautas não coincidiam com o sistema geográfico prevalecente, mormente com as noções de Ptolomeu, Plínio, ou Pompónio Mela, entre outros. Se as novas informações não se alistavam segundo estes fundamentos do saber, então as terras e localidades recentemente descobertas seriam, em primeira linha, um mundo *Extra-Ptolomeu*, como o definem as cosmografias das primeiras décadas do século XVI. Mais do que a experiência de aflorar novas regiões, a revelação de terras, ilhas não conhecidas significa, para estes geógrafos, o testemunho da sua inexistência no mapa-mundi ptolomaico.

Por vezes, registam-se os novos informes num único e uno conjunto de dados, indiferentemente da localização ou natureza que descrevem, como se pode constatar no *Weltbuch, Spiegel vnd bildniß des gantzen Erdbodens*³⁴. O seu autor, Sebastian Franck, publicava assim informações alusivas às viagens desde Luís de Cadamosto, de Pedro Álvares Cabral, de Américo Vespúcio a Cristóvão Colombo num capítulo reservado ao continente americano, sublinhando mais a ideia de um novo mundo, do que uma realidade com conteúdos geográficos claros e precisos.

Se o cartografar destas novidades origina dificuldades, o certo é que revelam uma suma de informações que importa problematizar e ponderar, como seja o evidente relativismo cultural vindo à luz com as navegações, motivo de grande admiração. Interessados em conhecer “a vacilante mudança de todas as coisas humanas”, como é o caso do geógrafo alemão, Sebastian Münster, o cotejo permite concluir que “E porque eles estão habituados a viver segundo a maneira da sua terra, vivem assim bem como nós segundo a maneira da nossa terra”³⁵ – bem à semelhança da posição do humanista português, João de Barros, ao afirmar que: “cada um colhe segundo o que semeia”.

Nas páginas da cosmografia de Sebastian Münster, encontram-se inúmeras referências a autores portugueses, cujas obras lhe permitiram escrever sobre

³³ *Idem, ibidem*, E.

³⁴ Sebastian FRANCK, *Weltbuch, Spiegel vnd bildniß des gantzen Erdbodens*, Tübingen, 1534.

³⁵ Sebastian MÜNSTER, *Cosmographia, Beschreibung/ aller Lender durch/ Sebastianum Munsterum/ in welcher begriffen/ Aller vólcker/ Herrschafften/ Stetten/ vnd namhafftiger flecken/ herkommen:/ Sitten/ gebreüch/ ordnung/ glauben/ secten/ vnd hantierung/ durch die gantze welt/ vnd fürnemlich Teütscher nation, Was auch besonders in iedem landt gefunden/ vnnd darin beschehen sey, Alles mit figuren vnd schönen landt tafeln erklert/ vnd für augen gestellt*, Basel, 1545, p. Mcccxx.

determinadas regiões ou povos. Entre eles, destacam-se os nomes de Damião de Góis e de Francisco Álvares como fontes insubstituíveis no traçar e mediar da nova geografia. E tratando-se de um *bestseller*, visto que, ao longo de quase cem anos, entre 1544 e 1628, esta cosmografia foi, por certo, um dos grandes exemplares mais influentes na divulgação e propagação de Portugal e dos portugueses no século XVI. Também aqui, e tal como os exemplos anteriores o demonstraram, é a imagem do Portugal das viagens e dos portugueses como viajantes que se projecta nos escritos alemães dos séculos XV e XVI.

BIBLIOGRAFIA

ÁLVARES, Francisco, *Die reis zu des christlichen Königs im hohen Ethiopien...*, Frankfurt/M., Feyerabendt, 1581.

ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

ANSELMO, Artur, *Les Origines de L'Imprimerie au Portugal*, Paris, FCG, 1983.

ANSELMO, Artur *L'Activité Typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*, Paris, FCG, 1984.

ANSELMO, Artur, *História da Edição em Portugal*, III vols., Lisboa, Lello & Irmão, 1991.

BARRETO, Luís Filipe, *Descobrimentos e Renascimento, Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*, Lisboa, INCM, 1983.

BARRETO, Luís Filipe, "A Herança dos Descobrimentos", *Revista ICALP*, Lisboa, 1987, pp. 9-21.

BARRETO, Luís Filipe, "As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza", *in* Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo*, vol. II, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 406-413.

BURKE, Peter, *A Social History of Knowledge*, Cambridge, Polity Press, 1997.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *Warhafftige vnd volkomene Historia/ von Erfindung Calecut vnd anderer Königreich/ Landen vnd Inseln/ in Indien/ vnd dem Indianischen Meer gelegen/ So vormals von niemals mehr erfand/ Daher biß auff den heutigen Tag allerley Gewürtz/ Specerey und andere köstliche Waren in die ganze Christenheit gebracht werden, Wie dieselbigen durch des Königs auß Portugal Unterthanen zu Meer ersucht/ gefunden und bekriegt worden/ etc. Auß Frantzösischer Sprach jeßt newlich ins Teutsch gebracht*, s.l., s.n., 1565.

CHARTIER, Roger, *The author's hand and the printer's mind: Transformations of the written word in Early Modern Europe*, Cambridge, Polity Press, 2014.

DIAS, João José Alves, “Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal*, Lisboa, BNL, 1995, pp. 15-27.

FRANCK, Sebastian, *Weltbuch, Spiegel vnd bildniß des gantzen Erdbodens...*, Tübingen, s.n., 1534.

LE GOFF, Jacques, *Intelectuais da Idade Média*, Lisboa, Gradiva, 1987.

LOPES, Marília dos Santos, “Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Mare Liberum* 1, 1990, pp. 205-308.

LOPES, Marília dos Santos, “Portugueses do século XVI no Trachtenbuch de Christoph Weiditz”, *Oceanos* 26, 1996, pp. 104-107.

LOPES, Marília dos Santos, “‘Vimos oje cousas maravilhosas’ Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses”, in A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*, Lisboa, Colibri., 1996, pp. 13-23.

LOPES, Marília dos Santos, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, Para uma Iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.

LOPES, Marília dos Santos, “O impacto da viagem de Vasco da Gama na Alemanha”, in José Manuel Garcia (coord.), *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, Lisboa, Academia da Marinha, 1999, pp. 604-608.

LOPES, Marília dos Santos, *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002.

LOPES, Marília dos Santos, “Ao serviço do Império: a nobilitação de estrangeiros na corte joanina e manuelina”, in *Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*, Lisboa, IICT, 2012a, pp. 1-8.

LOPES, Marília dos Santos, “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism”, in Maria Berbara and Karl A.E. Enekel (ed.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, Leiden, Brill, 2012b, pp. 425-446.

LOPES, Marília dos Santos, *Writing New Worlds: The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*, Newcastle upon Tyne, UK, Cambridge Scholars Publishing, 2016.

MARQUES, A. H. de Oliveira, “Alemães e Impressores Alemães no Portugal de Finais do Século XV”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal*, Lisboa, BNL, 1995, pp. 11-14.

MATOS, Luís, *Itinerarivm Portugallensivm*, Lisboa, FCG, 1992.

MÜNSTER, Sebastian, *Cosmographia, Beschreibung/ aller Lender durch/ Sebastianum Munsterum/ in welcher begriffen/ Aller völcker/ Herrschafften/ Stetten/ vnd namhafftiger flecken/ herkommen:/ Sitten/ gebreüch/ ordnung/ glauben/ secten/ vnd hantierung/ durch die gantze welt/ vnd fürnemlich Teütscher nation, Was auch besonders in iedem landt gefunden/ vnnd darin beschehen sey, Alles mit figuren vnd schönen landt tafeln erkleret/ vnd für augen gestelt*, Basel, s.n., 1544-1628.

MÜNZER, Jerónimo, *Itinerário*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

PAULO, Marco, *O Livro de Marco Paulo, O Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam, conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

PEUTINGER, Konrad, *Sermones convivales...*, Argentinae, Schurer, 1506.

RADULET, Carmen, *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália*, Lisboa, Vega, 1991.

RUCHAMER, Jobst, *Neue unbekante Landte und ein neue weldte in kurz vergangener zeythe erfunden*, Nürnberg, s.n., 1508.

SCHEDEL, Hartmann, *Liber Chronicarum*, Nürnberg, Koberger, 1493.

SCHONER, Johannes, *Opusculum Geographicum*, Nürnberg, s.n., 1533.

SPRINGER, Balthasar, *Die Merfart vñ erfahrung nüwer Schiffung vnd Wege zü viln onerkanten Inseln vnd kunigreichen/ von dem großmechtigen Portugalichen Kunig Emanuel Erforscht/ funden/ bestritten vnnd Ingenommen/ Auch wunderbarliche Streyt/ ordenung/ leben wesen handlung vnd wunderwercke/ des volcks vnd Thyrer dar iñ wonende/ findstu in diesein Buchlyn warhaftiglich beschrybern un abkunterffeyt/ wie ich Balthasar Sprenger sollich selbs: in kurtzuerschynen zeiten: gesehen vñ erfahren habe*, Oppenheim, s.n., 1509.

VOGEL, Klaus A., “Neue Horizonte der Kosmographie. Die kosmographischen Bücherlisten Hartmann Schedels (um 1498) und Konrad Peutingers (1523)”, in *Anzeiger des Germanischen Naionalmuseums*, 1991, pp. 77-85.

WALDSEEMÜLLER, Martin, *Carta Marina Navigatoria Portugallen...*, Saint-Dié, s.n., 1516.

WAGNER, Bettina, *Welten des Wissens die Bibliothek und die Weltchronik des Nürnberger Arztes Hartmann Schedel (1440-1514)*, München, Allitera-Verlag, 2014.

WUTTKE, Dieter, *German humanist perspectives on the history of discovery, 1493-1534*, Marília dos Santos Lopes (Foreword), Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007.

Partindo da análise de fontes tipologicamente muito diferentes (cronísticas, documentais, epistolares, iconográficas, entre outras), quer portuguesas quer estrangeiras, é objectivo desta antologia reflectir de forma crítica sobre a composição e descrição de paisagens europeias – físicas e humanas – nos séculos XV e XVI. Naturalmente, uma atenção especial é dada à relação entre Portugal e o continente de que faz parte: se por um lado se visa indagar sobre a forma como em Portugal, no período em questão, se projectava o espaço europeu, por outro ambiciona-se identificar a natureza das representações construídas entre Portugal e a Europa. Noutra vertente, buscam-se respostas válidas para questões centrais como o carácter e a constância das relações mantidas com os diversos territórios europeus.

Se bem que, nos últimos anos, se tenha vindo a aprofundar, sob o ponto de vista documental e historiográfico, o conhecimento das relações entre Portugal e a restante Europa, a verdade é que muito há ainda a fazer no sentido de compreender o carácter e a configuração das concepções e representações portuguesas do continente europeu nos séculos de Quatrocentos e Quinhentos, assim como de identificar e apreender os mecanismos de reconhecimento das realidades do Velho Continente nos círculos cultos do reino português.

Estes são os objectivos centrais de um conjunto multidisciplinar de estudos, que se propõem aprofundar os diversos intercâmbios desenvolvidos entre Portugal e os diferentes espaços europeus nos séculos XV e XVI. A circulação cultural, os contactos político-diplomáticos, militares e estratégicos, bem como as relações de índole religiosa, comercial e mercantil estarão no centro de uma reflexão que se deseja crítica e ampla.

Apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

